

**Nome:** Gabriel Petrechen Kugharski

**E-mail:** gabrielkugharski@hotmail.com

**Instituição de ensino:** USP

**Nome do orientador:** Prof. Dr. Luiz Sérgio Repa

## AUTOCRÍTICA DO CONCEITO E DIALÉTICA NEGATIVA: SOBRE A ATUALIDADE DA FILOSOFIA EM THEODOR W. ADORNO

**Resumo:** Este trabalho de pesquisa pretende abordar a questão da atualidade da filosofia na fase tardia do pensamento de Theodor W. Adorno. Buscaremos mostrar como essa questão está intimamente ligada com a necessidade – bastante enfatizada pelo filósofo alemão – de uma autocrítica do conceito filosófico. Essa exposição será imprescindível para a compreensão do método da dialética negativa. Em outras palavras, trata-se de apresentar as razões pelas quais Adorno insiste em um modelo de pensamento que recupera os conceitos da dialética hegeliana, mas que, em certo sentido, busca também romper com essa dialética, dando a ela um caráter *negativo*. Como o próprio Adorno afirma na apresentação de seus *Três Estudos sobre Hegel* (1963), trata-se de buscar um *conceito modificado* de dialética.

Embora a *Dialética Negativa* seja em grande medida um embate com a dialética hegeliana, ela se inicia com uma crítica a Marx. Basta lembrarmos a frase com que Adorno abre a obra de 1966: “A filosofia, que um dia pareceu ultrapassada, mantém-se viva porque se perdeu o instante de sua realização” (ADORNO, 2009, p.11). Logo na primeira seção da obra, intitulada não por acaso “Sobre a possibilidade da filosofia”, Adorno afirma que a filosofia deve recuar ante a exigência da décima primeira tese sobre Feuerbach, na qual Marx afirma que “Os filósofos não fizeram mais do que interpretar o mundo de diferentes maneiras; a questão, porém, é transformá-lo”.

Para Adorno, o momento prático de transformação do mundo passou. A análise do economista e sociólogo Friedrich Pollock, do *Instituto para Pesquisa Social* de Frankfurt, acerca da transição ocorrida desde o fim da primeira guerra mundial do *capitalismo privado* para o *capitalismo de estado* questionou fortemente a teoria defendida por Marx e pelos marxistas de que o capitalismo jamais encontraria uma estabilidade, mas, ao contrário, enfrentaria crises sucessivas que o levariam à ruína. Para Adorno, o conceito de *capitalismo de estado* aponta para uma combinação entre Estado,

capitalismo e totalitarismo que parece zombar tanto dos prognósticos de Marx e do marxismo acerca da caducidade inevitável do capitalismo quanto da concepção hegeliana de Estado como a realização máxima da razão.

A exigência de Marx torna-se caduca na medida em que tal transformação não ocorreu, e que a realização da filosofia não passou de uma promessa. Contudo, é o próprio fracasso da filosofia que instaura a necessidade de continuar a sua elaboração, pois deve sanar as feridas que ela própria ajudou a abrir ao longo da história. Seu procedimento só será legítimo, porém, como uma autorreflexão exaustiva que traga à luz as razões desse fracasso, ou como diz Adorno, só cabe à filosofia “criticar a si mesma sem piedade” (ADORNO, 2009, p.11).

Assim, Adorno interrogará a tradição (sobretudo Kant, Hegel, Marx e Heidegger) em busca dos conceitos que foram mal pensados e que, portanto, malograram a emancipação e permitiram a recaída na barbárie. Como afirma Marcos Nobre (1998, p.44), diferentemente de Habermas que pretende reformular as categorias da tradição filosófica, Adorno busca interrogá-las do ponto de vista de um estado de não-emancipação. A importância dessa tarefa é claramente expressa por Adorno na seguinte passagem: “Aquilo que em Marx e Hegel permaneceu teoricamente insuficiente transmitiu-se para a prática histórica; é por isso que é preciso refletir novamente de maneira teórica, ao invés de deixar que o pensamento se curve irracionalmente ao primado da prática” (ADORNO, 2009, p.126).

Logo no início da introdução da *Dialética Negativa*, Adorno dirá que, assim como Kant investigou a possibilidade da metafísica após a crítica ao racionalismo, será preciso investigar a possibilidade da dialética após o fracasso da dialética hegeliana em, “com conceitos filosóficos, mostrar-se à altura do que é heterogêneo a esses conceitos” (ADORNO, 2009, p.12). Buscaremos então mostrar em que consiste o procedimento da dialética negativa a partir das críticas que Adorno tece à “versão positiva” dessa dialética: a hegeliana.

Adorno compreende não apenas a dialética hegeliana, mas mais amplamente o idealismo filosófico em termos de dominação. Nessa chave, o filósofo frankfurtiano fará duras críticas ao *primado do sujeito*, à *hipóstase do princípio de identidade* e ao *conceito de totalidade* hegelianos. Por outro lado, um elemento da dialética hegeliana será conservado na dialética adorniana: *a negação determinada*. Se o impulso de negatividade deve ser conservado, ele não deve, como em Hegel, apontar para uma positividade. Para Adorno, a categoria da totalidade mostra-se como o elemento

propriamente antidialético da dialética hegeliana, o momento em que a negatividade é anulada e, com isso, também o princípio crítico dessa dialética.

Consequentemente, Adorno defenderá uma passagem do *primado do sujeito* para um *primado do objeto*. Isso significa que o sujeito se despoja de sua pretensão de totalidade ao apontar para o um elemento ineliminável de não-identidade que deve impedir que o objeto seja equiparado às categorias do sujeito. Adorno defende que a racionalidade que extingue de forma totalitária todo rastro de não-identidade do objeto acaba por empobrecê-lo, o que leva a uma eliminação da própria subjetividade e, em última instância, à instauração da barbárie.

Assim, um aspecto da tarefa da filosofia compreendida como dialética negativa é o de investir em uma transformação das categorias de sujeito e de objeto e, consequentemente, da dialética entre eles. Para Adorno, uma crítica social não pode se restringir a uma crítica da política ou da economia, mas deve se dar em um nível muito mais fundamental: não há uma transformação social efetiva sem uma transformação da própria racionalidade. Nesse sentido, a elaboração de um conceito não-violento de racionalidade será o paradigma da dialética negativa.

**Palavras-chave:** teoria crítica; dialética negativa; capitalismo de estado, totalidade, identidade;